

No brouze dos bravos, ficou para sempre imortalizada a memória de um valente soldado cuiabano, graças á cultura civica dos nossos irmãos corumbaenses.

—Tte. Cel. Antônio Maria Ceêlho.—

A juventude do Norte, everencia nesta mágna data—13 de Junho—á memoria dos precursores exponenciais dêsse feito homérico e inenarrável.

DIRETOR

Redator-(hefe

B. S. S. Freire

O ARAUTO

DE JUVENILIA

Na velha Cuiabá, em
25 de Junho de 1950

N. 3

ENDEREÇO:

Caixa Postal, 95
CUIABA' — M. GROSSO

... a um mendigo (-) A ÚLTIMA PROVA

Teresa de Almeida

João Antônio Neto

Riste de mim, tristemente perguntando o por- que dessa amizade, dessa piedade para com um mendigo como tu. Disseste que não havia razão de existir isso em mim, porque eu nunca conhecêra a miséria. Meu pobre amigo! Quanto engano! Se a gente conhece a miséria até sem sair de casa! Se a gente encher a mi-éria na porta da rua, estendendo mãos, pedindo sopa, pedindo pão suplicando por qualquer coisa!

Escuta! Uma vês, á noite atravessando uma praça qualquer, em uma cidade qualquer, ouvi uma criança chorando, conversando sozinha (Ou com Deus. Não sei) Queres que eu te conte? Ainda lembro suas palavras:

—Não peço nada! Não quero! Nem aqueles doces coloridos que eu vi, nem a roupa e a comida que me faltam. É verdade que tudo me falta, mas de que adianta pedir, suplicar se há tanta gente como eu, que não tem nada? É quasi um conforto ver que não sou o único miserável que anda com farrapos sujos, com fome e com frio dormindo em qualquer parte onde a noite me pegue. Lar? Não sei o que é isso! Ando sempre pelas ruas rolando como um embrulho perdido, á tão sujo que ninguém se anima a pegar.

E' estianho uma vida assim, tão vazia e tão sem nada! Um dia dêsse um moleque qualquer ensinou-me o que é «morte». Seria

Conclue na 7.ª pagina



« Mãe »

Waldomiro Ramos Pacheco

Mãe, por que foi, ó Mãe estremecida,
que á vida
Deus, o bom Deus por ti me deu?

Por que será querida
que o amor de Deus pôz no filho teu,
dentro do seu peito,
quando êle nasceu,
um coração que chora
por ti,
em amor desfeito?

Por que será que sendo assim:
— eu que morro por ti...
sempre estou aqui,
sempre estás longe de mim?!
Mãe...

Juvenal não podia acreditar que a Creúsa estivesse morta...
« — Não! Creúsa não está morta!... »

A sala estava cheia de gente. Todos tristes. Um vago rumor de confidências corria pelas circunstantes. Ao centro, na mesa, Creúsa deitada, afundada, naufragada num tálamo de flores, um tênua véu de filó branco no rosto.

Juvenal levantou-se. Olhou aquilo tudo. Andou arranjando as flores, como se aquele floral cheiroso fosse um lençol multicolor, do qual puxasse uma ponta para defender melhor o corpo da mulher... E eis, muda, livida, marmorea... Quando seus dedos lhe tocaram o queixo, sentiu que a carne brá de Creúsa estava rígida e fria...

« Deve estar morta... Não! Não! Creúsa está viva! Ao certo, está dormindo... »

Meus rêsames, seu Juvenal. Ele estirou a mão.

—Obrigado... «Mas obrigado por que... se Creúsa estava somente dormindo?!... »

Quatro velas. Uma luz deliquescente e vagarosa se difudia pelo aposento... as chamas lacrimejavam, tremiam... pareciam mãozinhas acesas implorando a piedade da brisa...

Um cheiro forte de estearina entrava pelo nariz de Juvenal, irritante, incomodo... Tinha sono... Juvenal sentia vontade de repousar... Mãe, como ir-se, a sós, para a cama?... Ele só sabia dormir ao lado de Creúsa!

Sentindo o calor de Creúsa os suspiros de Creúsa!

Continua na 4.ª pagina

Grande Enciclopédico

Calendário da Revolução Francesa

Por essa época tória França com o fito esclarecer a revolucionária avassalou o cido de desecristianizá-la.

« A Traição »

Rubens Castro

Traição é judas, o infame,
Vender o mestre, Jesus...
Que só por trinta dinheiros,
Agonizou sobre a cruz!
É mais... é a esposa impudente,
Que num gesto deprimente,
Lança á moral, seu adeus...
Trocando o lar, antes puro,
Pelas cinzas do menturo,
Sem lembrar que existe um Deus!

“O Rancor”

O rancor, é um corvo imundo,
Que se nutre de excrecencias...
É a sombra negra que tolda,
O fulgôr das consciencias!
A esponja que sem piedade,
Apaga da humanidade,
Um preceito do Senhor...
Que ditou para seus filhos,
A paz, reinante entre os brilhos
Os puros brilhos do Amor!

“O Cinismo.”

O cinismo, é uma figura
Que encarna o Polichinelo
Em seu rosto inexpressivo,
Tras sempre um riso amarelol
Veu que existe afivelado,
No semblante desvelado
Que o brio nunca pousou...
Enfrenta tudo com calma,
Contanto que traga a palma,
Da vitoria que sonhou!

“A Intriga”

Intriga — aranha disforme,
Que constroe a sua teia...
Tecendo a rede de prata
Com fio da vida alheia!
No tear da humanidade,
Torce ou deturpa a verdade,
Com requintes de má fé...
Embuçada na mixórdia,
Fomenta o ódio e a discordia,
Mostrando sempre quem é!

“Usura”

Usura, é um ente grotesco
Que inflinge as leis naturais
Tem o ventre bem pequeno.
E os olhos grandes demais;
Se tem muito — diz que é nada,
E mais e mais, arrecada,
Com mil modos e artimanhas...
Mas, sempre a sorte maldita,
E a mesma fome infinita
Devoram suas entranhas!

“O Remorso”

Remorso — é um feio morego
Com os dentes bem aguçados,
Que devora noite e dia
A consciencia dos culpados!
É a recompensa do crime,
É a palma, de quem oprime,
Do carrasco — é o galardão;
É a voz do arrependimento,
Do peito ingrato — é o lamento
Que implo-ro de Deus — Perdão!

Após o triunfo da deusa “Razão”, conduzida apoteoticamente pelas principais artérias de Paris, os revoltosos voltaram-se contra as instituições clericais.

Assaltaram-se os templos, os membros da Igreja foram perseguidos e deportados.

O fato mais notável então a substituição do Calendário gregoriano (o nome atual, remodelado pelo Papa Gregório VI), pelo calendário Republicano.

Pelo Calendário Republicano começava a nova era em 22 de Setembro de 1792 (1.º dia da República) e os 12 meses do ano tinham nomes que lembravam os trabalhos ou fenômenos próprios de cada estação: VINDIMIÁRIO, BRUMÁRIO e PRIMÁRIO, para o outono; NIVOSO, PLUVIOSO, e VENTOSO, para o inverno; GERMINAL, FLOREAL, e PRAIRIAL, para a primavera e MESSIDOR, TERMIDOR, e FRUTIDOR, para o verão.

Librofilus

Na Escada da Vida

Newton de Arruda

A data de ontem, marcou mais um natal do jovem conterrâneo, Newton de Arruda, estremo filho do casal Sr. Dídino de Arruda e virtuosa consorte D. Leonor de Arruda, residentes na vizinha cidade de Poconé.

Ao distinto aniversariante e particular amigo, bem como, aos seus dignos progenitores, enviamos nesta ocasião, os nossos parabens.

«A tuberculose pulmonar pode ser totalmente silenciosa, evoluir sem dar sinais ou dá los tão disfarçados que o doente não se aperceba da moléstia. Nes ses casos, estão as lesões mudas, dificilmente notadas só descobertas no exame pelos raios X. Faça-se exames periodicamente pelos raios X. S.N.E.S.

Os Que Partem

Srta. Nedy Freire

Para o sul do Estado, viajou no dia 20, a nossa particular amiga e colaboradora Sta. Nedy Freire. A jovem conterrânea, proficua funcionária do Ministerio do Trabalho, que seguiu em viagem de interesse de sua repartição, augursmos êxito no desempenho de tão altruistica missão.

CENTRO OPERÁRIO

(omissão censitária)

Por gentileza da Presidência do Centro Operário de Cuiabá e da Comissão Censitária Regional, recebemos atenciosos officios, em que so faz saber aquele, da posse do Conselho Executivo e da Comissão Fiscal, e esta de haver sido a mesma, enfaticamente instalada nesta Cuiabá, a 24 do mês p. findo.

■ Agradecemos a distinção que se nos conferiram e externamos neste ensejo, votos de resultados sempre promissores em tão elevada missão.

Leiam

O Arauto de Juvenilia

o melhor jornal literário de Cuiabá

Casa Nadaf

DE JAMIL NADAF

Caro leitor ao visitar o pitoresco «Jardim do Porto», não se esqueça de fazer uma visita sem compromisso, à «CASA NADAF», ali mesmo na «Praça Luiz de Albuquerque» Lá V. S. encontrará os seguintes generos do país, em permanente stock: de Conservas, Perfumarias, Bebidas, Aguardente Flexas, Açúcar, Alcool e Estivas em geral

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

RONDON

Continuação da pagina

ao bronze de uma de nossas praças públicas, a figura simpática desse GLOBETROTTER de há muito sagrado no consenso unânime das Américas. E para esta bellissima empreitada do nosso reconhecimento, embóra tardio, ao criador do sublime lema adotado, sertão adentro, de preferir a morte á fmoção dos nossos irmãos indígenas, estamos certos todos os cuiabanos e quantes queiram hão de contribuir conosco na realização de velho e justo desiderato — dar uma estátua a Cuiabá, senão um busto, de Cândido Mariano da Silva Rondon, o maior de todos os matogrossenses vivos.

BOCAGE, O...

Continuação da 9a pag

de todos os tempos, vate mais querido pelo seu povo, cerrou os olhos na cidade de Lisboa, e genial filho de Setubal, legando ao pequenino e heróico Portugal a glória do seu nome! Pois ele mesmo já houvera profetizado: "Zóilos tremel! Posteridades és minha".

CASA LUX

Se V. S. deseja ma instalação elétrica, não se preocupe; a «CASA LUX» é a rainha dos objetos de eletricidade Indiscutivelmente, a melhor casa no genero de: Bijouteria, Louças, Lustres, Alumínios, Bibelots, Lanternas Pilhas elétricas, Chicaras finissimas para café, chicaras da melhor qualidade para chá, como, também, uma infinidade de outros artigos para o seu lar.

CASA LUX á Rua 18 de Junho
Cuiabá—Mato-Grosso

ALEGRIA E SAUDADE

A' Ligia S. L. Pereira da Silva

Dona alegria certa vez me disse:

—«Esquece dela ao menos um momento!... Vamos beber!... O Amor é uma Tolicel... Deixa de lado, esse teu Sentimento!...»

Uma outra voz, porém profunda e calma, a segredar-me, terna, assim disse:

—«Amor, meu filho!... De que serve a Alma, sem ter do Amor a lírica poesia?!

So vale um beijo, após um outro beijo!..

Enche de afetos o teu coração!..

Vai procura-la!.. Mata o teu Desejo!..

E nela encontraras o teu Perdão!..

Vencido e exausto, procurei achar-te no meu Pão... no meu Vinho... Estava só!.. E a mesma voz, ao longe... em toda parte... A torturar-me o cerebro, sem dor!..

—«Quem és tu? De onde falas?» — indaguei... E tirando do bolso o teu retrato, dar consolo a minh'alma, procurei, naquele rosto, para mim tão gratol..

E ao contemplá-lo tão feliz, sorrindo, da estranha voz, cresceu a intensidade... E emocionado, então, eu fui sentido: Quem me falava agora era saudade!..

Newton Alfredo

CARTA A UM MENDIGO

Continuação da pagina

bem morrer! A's vezes do guarda. Ficar dormindo penso nisso quando não do encolhido num desses arranjo comida. Seria des- becos, dormindo para não canse morrer desaparecer acordar mais. dessas ruas, deixar de ser «Dizem que existe Deus... não sem dono que remexe Escuta! Deus! Tu não me nas latas de lixo. Seria bem houves? Dizem que és invl- não acordar com os gritos sível e que está em toda

parte. Talvez estejas aqui comigo bém pertinho! Escuta! Tenho frio! Não e roupa que eu quero. E outra coisa. Dizem que a gente pode te fazer pedidos, mas tenho medo de ser muito pequeno para os teus olhos. Mas dizem que vês tudo! Talvez, talvez me veja! Talvez me ouças! E' pouca coisa. Juro que nunca mais te peço nada! Deus está ouvindo? eu queria... Não te zangues comigo! Talvez não me tenhas dado isto porque eu não mereço mas eu queria tanto ter MÃE!

—x—x—

Crês agora, meu amigo que eu ainda não conheca a miséria?

CONVITE

O Exmo. Sr. Dr. José Barnabé de Mesquita, Presidente da Academia Matogrossense de Letras, tem a grata satisfação de convidar a sociedade culta de Cuiabá, a fim de assistir a "Hora Literária" que se fará realizar hoje, ás 10 horas naquela casa de cultura, e, na qual tomarão parte os membros do "Gremio Julia Lopes" e do "Gremio Literário L. Mendes" como também, vários expoentes da intelectualidade matogrossense.

Casa Bulhões

Praça Luiz Albuquerque, 156, --Porto

Acaba de receber grande sortimento de Linhos nacionais e estrangeiros Sedas Tropicais, Lãzinã para vestido, Brins, tricoline, Louças, Ferragens, Tintas, de todas as cores, Secantes, Alvaide, Oleo de Linhaça Lãs para trajes e trice

Visite hoje mesmo a CASA BULHÕES!

VBR PARA CRER!

Cuiabá — Mato Grosso

Noite DE VIGILIA

ESCREVEU: B. S. S. FREIRE
Presidente do Circulo Matrogrossense de Amizade



B. S. S. Freire

No meu catre a rolar noite em fóra,
O sono amigo, não me vem aconchegar...
Pela janela semi-aberta, passa a voz do vento
que a zunir por entre as gretas,
quer traduzir, num longo e deído anseio,
a súplica clemente das miseráveis vítimas do destino...

Levanto e vou ouvir a sua prece...
Ele passa... desesperado, zigue-zagueando
de porta em porta, de janela em janela,
tal como um arauto propalando uma desgraça prévia...
Vai correndo á direção de duas igrejas,
para mostrar, lá no seu premeio, o lupanar engalanado de festas...
E eu, na minha pequenez, compreendi que naquela ânsia,
êle queria mostrar a nós — póbres mortais,
quão mascarada é a espécie humana...
Aí... Alí no lupanar, quantas mulheres com a alma em chagas se clemem...
Qual remédio suavizaria a sua dôr?...
Mais alem... Quantas esposas em estado de vigília, esperam pelo companheiro...
Acolá... Quantos mendigos, enrolados em jornais,
dormindo às portas e calçadas dos ricos palacetes...
Quantas mães, que o filho a morte lho roubou...
O filho único, arrimo da família...
As paupérrimas mulheres, viúvas muitas delas,
choram um copo de leite para o seu corpo em farrapo...
Choram, também, ao menos uma palavra de consôlo a sua alma dilacerada...
Enquanto êles, os monarcas... os abastados, dormem o sono tranquilo
de suposta inocência...
Não! Não procuram ver na voz do vento, nas horas caladas da noite,
pedaços do corações às soltas, pedindo caridade...
Tambem, baldado, não a entenderiam...
Para quê?! Não o sabem...
E se entendessem a súplica dos infelizes,
nas manifestações da Mãe Natura...
Oh! Quão horrorosos sonhos teriam, até resgateá-las!...
Mas, não tentam amenizá-las...
Tem a vida presa à luxúria... têm medo...

O vento lá se foi... Foi anunciar à outras plagas, outras misérias...
Acendi mais um cigarro, e saí a vaguear pelas ruas semi-dormidas...
A' certa altura, dei uma mirada para a abóboda celeste...
E como se me deparou bela a cidade...
Os olhinhos trêpegos das estrelas, enfeitavam' graciosamente, o tapete azul do afir-
(mamento...)

A lua num sorriso feliz de mãe cuidadosa, parecia vigiá-las, como
se fossem brotinhos peraltas, piscando para os namorados aquí na terra...
Até os garotos pirilampus, envaidecidos e enciumados, flutuavam na
brisa da noite, trazendo nas suas frágeis lanternas, um pouco da pureza,
daquelas meninas, para mostrar ao negro charco sem vida...
E, acompanhando o vôo incerto de um daqueles noctivagos, vislumbrar eu pude as
mais belas poesias nas chagas que a propria sociedade expõe em poder...
A' cada fóco da sua lanterna, lá estava um alejado, um cão faminto e o lupanar
cheio de rícos estridentes e o gargalhar próprios dos insensatos e dementes...
Aquele hóra, também, um ébrio passou cambaleante...
Vinha não sei de onde e ia para o ignóto...
A sinuosidade dos seus passos acompanhava a tortuosidade da minha rua...
E a mater lua, lá no céu, envergonhada de tão sinistro drama, fez com que
as filhinhas se recolhessem no manto protetor de sua virgindade...
Logo, depois, gotículas de água, com roupagens de neblina começaram a cair,
acariciando-me as faces e me molhando os cabelos...
Era o protesto das estrelinhas, feridas na sua inocência que
soluçavam em pranto, deixando correr lágrimas pela terra sem piedade...

VIDA...

Agenor F. Leão

Vida!...
Punhado de pensamentos,
Soluções, prantos, lamentos,
Ssegredos e sensações,
Carícias, sonhos, desejos,
Espoucamento de beijos,
Amor de dois corações

Vida!...
Cantiga de passarinhos,
Flores enchendo os caminhos
E o cheiro agreste dos prados,
Voz dos veios cristalinos,
Homem! Mulher! — dois destinos
Num destino transformados.

Vida!...
Flóco alvíssimo de neve
Que se vai tornando bréve
Quanto mais o tempo passa,
Novelos espiralades,
Transparentes, delicados,
Inconstantes, de fumaça.

Vida!...
A chama da vela acêsa
Que não nos dá a certeza
De uma longa claridade,
Ave implume e delicadas,
Perdida solta, sem nada,
Nos campos da imensidade.

Vida!...
As sombras lentas da tarde
Que se deitam sem alarde
Em colchões feitos de folhas,
Existência transitória
Que se resume na história
De um sabão desfeito embôlhas

«AS VEZES»

(De Alguem, para Alguem)

A's vezes...
Sem bem saber porque,
Sinto uma saudade louca
De você...
De você que tão pouco me quer
Que tudo faz para humilhar,
Minh'alma escazivel de mulher...
Outras vezes...
Sinto em meu Eu, um quê...
Revoltar se...
Contra o despectismo
E o indiferentismo
De você...

Mas, as mais das vezes...
Quando o céu está bem lindo,
Sinto um desejo infindo
De ter você a meu lado,
Para dizer: baixinho assim:
Eu gosto tanto do você...
Por que não gosta de mim?...

BAR WALDEMIRO

— DE —

Waldemiro de Arruda Fortes

Completo sortimento de Conservas em geral. Sorvetes — Bebidas nacionais e estrangeiras — Biscoitos Duchon. Cigarros Souza Cruz etc.

Leva ao conhecimento do público em geral, que está recebendo, semanalmente, por via aérea, as melhores e mais variadas frutas, tais como: maçãs uvas peras, tomates etc.

BAR WALDEMIRO sita à Avenida Generoso Ponce n. 46 Cuiabá — Mato Grosso.

SAPATARIA SÃO JORGE

— DE —

SILVESTRE INACIO FERREIRA

Ali mesmo na rua 7 de Setembro n. 22, V. S. encontrará o seu calçado, no modelo de sua preferência e por preço reduzido.

Sapatos para senhoras e cavalheiros, Calçados e cintos para colegiais, Sandalias de todos os tipos e tamanhos, Chuteiras, Botas, Porta-revolvers e Guaiacas, só na SAPATARIA SÃO JORGE.

O velho boi, manco e vagozoso, tem o seu destino ligado ao destino da cana de assucar no Brasil.

O secular pioneiro, que transportou as primeiras canas que brotaram do nosso solo, viu a corrida dos seculos e ficou silencioso e tranqüilo, dentro da sua vocação generosa de servir.

Onde quer que haja um engenho lá está o boi, servicial e triste, para trabalhar pacientemente e percorrer os caminhos mais difíceis na sua marcha lenta, que a fadiga não abate. Ele é bem um simbolo da força do Passado que sobrevive.

Ele é bem uma tração desse nosso Brasil colonial em cujos panoramas sempre apareceu, cumprindo o seu destino.

A cana de assucar floresceu, ganhou fóros de industria, tornou-se força economica, aperfeiçoaram os processos de sua exposição e tudo em seu redor recebeu o sopro da renovação. Só o velho boi continua o mesmo, no mesmo silencio, vencendo as mesmas distancias...

Há toda uma imensa e paradoxal poesia do velho pioneiro colocado dentro da historia da cana de assucar.

Amigo dedicado do carreiro, a quem obedece sem hesitação e sem caprichos, o boi não tem queixas nem lamentos e, sob o sol que mastiga e a chuva que torna o caminho mais hostil ele não aterra a sua marcha nem vacilla o passo.

Mas, há um toque de heretismo, há qualquer coisa superior e grande na sua existencia feita de serenidade: é que ele é o companheiro de todos os momentos e quando a seca fla-

Nossa Terra*Do Aluisio Maciel oferece Theolus*

gela tudo e tudo mata, quando a sede o tortura ele é o mesmo impassível na sua estranha e impressionante capacidade de sofrimento.

Os fenomenos do ambiente não o perturbam, e ele continua servindo... -- as águas que não o esperaram para matar a sede que o devora. Mas não importa porque o seu destino é servir, fazer a grandeza dos homens com os quais está identificado e ele continua a caminhar, sempre de vagar, e sempre vitoriosamente... O velho boi um simbolo, ao certo.

Desde a alvorada do Brasil, trazido pelos primeiros colonizadores, ele dá o seu esforço e a sua abnegação aos trabalhos da cana de assucar. O velho carro, mais velho do que ele, rangendo, rodando, na volta da colheita feliz, percorrendo o caminho que há seculos marca a sua trajetoria. Como é comovedora a evocação que sugere, pondo ante nossos olhos esse Passado donde viemos.

E a gente fica pensando como foi grande o esforço daqueles que construíram de um Brasil colonial primitivo o Brasil avançado de hoje. Mas fica pensando também no valor do velho pioneiro que permaneceu invencível e cuja imagem a esponja do passado não conseguiu apagar da paisagem do cultivo dos nossos campos.

O velho boi resiste. Tudo mudou. A técnica moderna, supreendente pelos seus recursos, invalida os

setores onde se trabalha a cana de assucar. Mas como sua companheira fiel, ali está o velho boi que é uma afirmação de robustez e tenacidade, uma força que não quebra é uma tradição que não morre...

Tradução de T.A. Maciel

Divina Comédia*Gilda Ricci*

O autor desta epopéia é Dante Allighieri!

Consiste na descrição da propria vida de sua alma, seguindo alguns autores, outros porém opinam apenas pela fantasia de sua imaginação inspirada pela sua crença cristã.

O autor é o próprio personagem.

Tem inicio bastante interessante: Dante encontra-se numa floresta, pretende subir a um monte, entre tanto três feras um lince, um leão e uma loba, fazem-no recuar, aparece então Virgílio que o orienta faz-lhe ver que para fugir das feras e de tal lugar, é necessário que o acom-

panhe em uma viagem que será de grande proveito.

Iriam para o Inferno, Purgatório, e depois acompanhado de outro personagem iria até o Limbo e o Paraíso.

Dante apavora-se; entretanto Virgílio consola-o dizendo-lhe que Beatriz, sua amada morta há pouco, alancara da Virgem, a graça de acompanhá-lo nesta viagem.

Assim Dante descreve sua viagem maravilhosa, através dos lugares sem tempo.

Essa obra tem por fim remover do estado de miséria os que vivem nesta terra e conduzi-los ao estado de felicidade.

Novo Livro

Por sobre a nossa nossa de trabalho, vemo-a preciosa obra intitulada "Três Escolas Econômicas" que, num gesto gracioso, nos foi dedicada pelo seu autor.

A esse espirito lúcido, que é o jovem poeta e amigo Agenor F. Leão, muito devem os meios literários da nossa Cuiabá, que vê na sua pessoa modesta, um fino cultor das letras patrias.

Agradecemos a gentileza de tão preciosa oferta.

"Arauto de Juvenilia"

Orgão medularmente literario, o corpo redatorial reserva-se o direito de selecionar as colaborações recebidas. Os trabalhos quando não aproveitados não serão devolvidos, o mesmo sucedendo com aqueles por nos publicados. A direção de "O Arauto" não assume a responsabilidade por censuras emitidas em prosa ou verso, ficando a cargo dos autores. As notas seculas serão impressas gratuitamente.

Elias Bacha

Importador de estiva em geral. O mais condescendente nos preços em toda a praça de Corumbá. Mantem, um grande e permanente estôque de açúcar, farinha de trigo, cimento, cerveja e artigos de estiva em geral.

Exclusividades: — As afamadas aguardentes «CHICA BOA» e «AGUA LAMBARÍ»
Rua Manoel Covassa n. 252 — Caixa Postal n. 68
Corumbá—Mato Grosso

Mobiliadora “Aliança”

A mais perfeita organização de moveis do Estado de Minas e a mais barateira do Brasil

Meu amigo, arranje a sua noiva, nos lhe arranjaremos os moveis

Representante nesta praça: Sr. Agenor Ferreira Leão
Rua Cândido Mariano, 802

Na Escada da Vida

Pedro da C. Marques

O dia 6 do corrente, assinalou a passagem de mais uma data genética do nosso particular amigo, o jovem Pedro da C. Marques filho do Sr. Antenor da Costa Marques e Ex. Sra. D. Mariana Guimarães Marques.

Pedrinho, como o tratamos na intimidade, é o moço que pelos raros dotes espirituais, com que sábia-mente o faz adornar, soube, melhor que ninguém,

entivar a nossa estima e admiração.

Estudante aplicado, criando da terra de Antonio João Ribeiro e cursando a 1ª serie do Curso Científico, alimenta em sua coação jovem, a pira altruística de dar à FAB o culto sagrado da sua inteligência privilegiada.

Ao futuro oficial e a sua progênie, almejamos pelas colunas do nosso “Arauto” felicidades e exitos sempre crescentes na tão arrojada quão nobre empresa.

Newton Alfredo

No dia 18 p passado, viu

passar mais uma data natalícia, o jovem poeta Newton Alfredo, moço estudioso e que mui bem, tem sabido empregar seus conhecimentos em prol do engrandecimento da nossa Cuiabá.

Ao Newton estimado amigo e virtuosa consorte D. Stela M. de Campos Aguiar endereçamos nesta nota, embora tardiamente, os nossos votos de felicidades.

Othoniel Pereira da Silva

Festejou no dia 17 deste mês, a sua data natal, o escritor Otho-

niel da Silva que é também, proficuo funcionario do Ministerio de Viação e Obras Publicas. Ao Othoniel, nosso companheiro de “Hora Literária”, endereçamos nesta nota, o nosso abraço de admiração.

NUPCIAS

Enlace Prado-Biancardini

Revertiu-se de invulgar beleza, o enlace matrimonial que se realizou no dia 8 do corrente na bucólica cidade de Poconé, entre os estimados jovens Srta. Ivone Biancardini e Sr. José R. do Prado. Ela, prendada filha do Sr. Bernardo Biancardini e Exma Sra. Isaura C. Biancardini e éle, extremoso filho do Sr. Alvaro R. do Prado e venerável consorte D. Angelina R. do Prado figuras de escol da sociedade local.

A cerimonia dos esposais, que foi seguida de uma expressiva recepção na residência dos pais da noiva, contou com a presença dos elementos destacados da famílias poconense.

Aos distintos nubentes, hem como aos ilustres progenitores, a direção de “O Arauto”, na singeleza desta nota, externam os sinceros votos de fartas meças de felicidades dias após dias.

Noite de Vigilia

Conclusão da 12 pagina

Retornei ao lar já de manhãzinha...

E lá vinha, na ponta da rua, o velhinho costumeiro, na sua rotina...

Arqueado sob o peso dos anos, que atestam as suas cãs embranquiçadas.

mais parecia um escravo assinalado pelo ferrete...

O coitado, que mais precisa de assistência,

Vinha outra vez, retirar da rua a sujeira material...

Uma vasoura... uma pá... um sarrinho de mão.

Seus instrumentos, contrastando com a parker 51, a escrivaninha e o ventilador

(dos fulgazões)

O ventilador? Éle o tem na brisa matinal...

A escrivaninha?!... O solo pátrio a pode representar...

A parker?!... Sua vasoura estiapada, rabisca por sobre o pó os mais lindos poemas de dôr...

A isso, eu assistia com os olhos aflitos o cérebro latejante e a alma escalavrada, num verdadeiro vórtice espiritual...

Só uma cousa em mim, ainda persistia...

Sair gritando: Homens! Homens!

Quem conseguirá varrer as imundíceis das almas humanas?

Quem?

Cansei-me de indagar... Voltei para mim mesmo, mais desesperado e aflito...

Endoudecido e alucinado, perdi-me na confusão de idéias circunfusas...

Nada sei... É um comodismo brutal e quase assassino, nada mais quero saber

Alfaiataria Modêlo

De

João Batista Melo

Completo estôque de brine, linhos, casemiras, tropicais e aviamento do melhor que há.

Confecção fina e elegante, só na ALFAIATARIA MODELO que é A MAIOR

—Rua Ricardo Franco, 10—

Empório Corumbaense

—DE—

Odilon Maciel de Jesus

Mantem sempre, em variado sortimento, os melhores generos de país: bebidas nacionais e estrangeiras, frutas e um completo estoque da cerâmica cuiabana Faça pois, V. S., uma visita ao Emporio Corumbaense, estabelecido na Praça Luiz de Albuquerque em frente ao jardim do Pôrto

CASA FEGURI**DE NEIF FEGURI**

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 200

Comercio: Importação direta de tecidos — Secos e molhados. Especialista em compra de couros vacuum. Vendas em atacado aos comerciantes do interior. Banha em estoque permanente... Arame farpado... Calçados etc.

A ultima prova*Continuação da 1ª pagina*

—Um pouquinho de café seu Juvenal...

Recebeu a xícara. Levou a aos lábios... Mas aquilo não podia descer! A garganta lhe estreitava, encolhia, fechava... Um soluço pulou fora do peito de Juvenal... Não pôde detê-lo... Umhas gotas de água salgada caíram na xícara...

«—Estará chovendo?!...» — e olhou o teto... Mas, o tempo estava tranquilo. Só a noite, lá fora, e o vento fino enchendo a noite! E aquele povo todo ali, olhando a pobre Creusa, dormindo...

Juvenal aproximou-se de novo da mesa.

«—Porque será que amarraram o queixo de Creusa?!... Ela não falava quando dormia... Não! Creusa dormia como os anjos...»

Apalpou as tábuas do caixão: não podia acreditar! Seria possível que iam encaixotar Creusa?!... Creusa não era mercadorial... Creusa era gente de carne! Creusa era uma flor!...

Mirou, remirou a cara da morta...

«—Meus Deus! como a Creusa está roxa!...»

Os olhos fechados. Os cílios negros, e reunidos desenhavam no fundo das olheiras uma sucessão agradável de pequeninas vírgulas arrebitadas... Os lábios cerrados, mostravam alguns traços verticais, como se estivessem cheios de pequenas mutilações... As mãos

sobre o peito, metidas uma na outra... Um rosário.

«—Creusa rezava... Sim! Creusa não morreu!... Quem está morto não precisa rezar!...

—Sen Juvenal, vá deitar-se um pouquinho...»

Mas ele não se moveu. Ficou ali, junto ao caixão, olhando o sono de Creusa, os olhos de Creusa, as mãos de Creusa, a rosa silenciosa de Creusa...

Levaram-no para uma poltrona...

«—Quer um copo d'água seu Juvenal?...

Ele não queria nada. Não precisava de nada. Só bebia o que Creusa lhe dava, só precisava do que Creusa lhe oferecia e Creusa estava dormindo...

Quando o dia amanheceu, ele ainda estava ali; os olhos vigilantes, secos; o cabelo um tanto assanhado... Que aspecto ericado era o de Juvenal! Sentia a língua seca e um gosto de creosoto na boca...

Depois fecharam o caixão.

Ele não protestou. Não sabia o que era aquilo... Antes, mandaram que ele se despedisse de Creusa... Beijou os lábios dela... Não! Creusa estava bem viva! Sim ele sentiu que aquele beijo lhe dava o mesmo prazer de sempre, o mesmo sabor... e a morte muda o gosto das coisas...

«—Não! Creusa não morreu! Está dormindo...»

Na hora da saída, ele ia a-

«Mãe»
Rubens de Castro

Quero oferta-te, mãe; esta coroa
Do pranto oculto que não foi chorado,
Por este filho que prossegue á toa
Ao destino de Ahasverus condenado.

A sina é caprichosa, ela atraiçoa
Nosso ideal mais belo e desejado;
E a cada passo, nova dor magôa
O coração que geme estrangulado.

Não me chames ingrato, mão querida;
Nada possuo, além da pobre vida
Que tu me deste em contorções de dor;

Mas, se ela aos olhos, te devolva o brilho,
Ceita, minha mãe, deste teu filho,
Vida que não vale o teu amor.

acompanhando o caixão... Disperam-lhe detendo-o!... Parente não acompanha... dá azar...

Mas, ele não era parente! Ele era o esposo de Creusa!... Foi.

Havia um buraco. Juvenal olhou para o fundo. Era raso... Melhor!...

O padre disse umas coisas.. Era latim...

«—Ora, Creusa não entende issol...»

Depois o caixão foi para baixo, Juvenal assistiu à descida, com os olhos... Novamente sentiu que lhe chegava à boca

aquele líquido salgado... Experimentou com a língua:

«—Era creosoto...» (creosoto)

Juvenal viu que todo mundo jogava um pedaço de barro para dentro...

Pela primeira vez teve vontade de protestar... Estariam apedrejando Creusa?... Não! Não era possível... Creusa era uma santa! Jogou também um pedacinho de barro...

Depois, foi aquele rumor surdo, medinho... Dende vinha? Do buraco?

Juvenal aproximou-se mais... Seria aquele rumor, um rumor
Conclui na 9ª pagina

Casa Santa Terezinha**DE Justino Francisco da Silva**

CASA FUNDADA EM 1932

Mantem, constantemente, um perfeito estoque de artigos para Montaria, Louças e vidros — Ferragens em geral — Armas e munições — Tecidos — Bebidas nacionais e estrangeiras e Materiais de construção.

Vendas e varejo e atacado de estiva em geral.

Exclusividade! Compra e venda de couros vacuum e clina animal, pagando os melhores preços.

CASA SANTA TEREZINHA, sita a Rua Salvador Marques n. 30. — Caixa Postal n. 7

Endereço Telegráfico: «JUSILVA» FOCONÉ -- MATO-GROSSO

MIGUEIS & CIA. LTDA.

Empresa de Navegação Fluvial que mantem as seguintes linhas de navegação:

Corumbá — Porto-Esperança com ótimo vapor «FERNANDES VIEIRA»

Saídas de Corumbá todos os Domingos levando os passageiros chegados de Cuiabá, e que viajarão pelo trem que parte 2a. feira de Porto Esperança, e todas as quintas-feiras levando passageiros para o trem 6a. feira Porto-Esperança—Corumbá — O «FERNANDO VIEIRA» zarpa de Porto Esperança todas as terças feiras e sábados recebendo passageiros que chegam em Porto-Esperança nesses mesmos dias

Corumbá—Porto Murinho e vice-versa—Duas viagens mensais.

Cuiabá—Corumbá — saindo o vapor semanalmente — Corumbá-Cuiabá saídas de Corumbá todas as semanas A única Empresa que mantem serviço regular de transporte de passageiros e cargas para Capital do Estado

AGENCIA—Rua 15 de Novembro, n. 1 — CUIABÁ — Endereço telegrafico MIGUEIS. Corumbá — MATRIZ — Rua Manoel Cavassa, 82 — Endereço teleg.: MIGUEIS

A recepção de « O ARAUTO » no âmbito nacional literário

Do jovem intelectual Achilles Poli, residente em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, nos veio esta mensagem amiga.

Ilmo. Sr. Diretor de «O Arauto de Juvenilia»
Prezado Senhor

Tendo recebido em minha casa um exemplar do seu jornal, por intermédio de sua prima Francisquinha; venho pela presente congratular-me com V. S. por tão nobre e arrojada iniciativa. Há muito que o mundo literário nacional carecia de um órgão difusor da literatura brasileira. Muitos foram criados, porém falharam nas suas desincumbências preferindo, uns se tornarem folhas banais, como tantas outras que empregnam a cidade do Rio de Janeiro com as suas notícias de "foot-ball" e de politicalha, na qual infelizmente está imerso "o gigante deitado". Outros, todavia limitaram as suas impressões afim de atenderem apenas os sócios dos grêmios, já então soterrados, pela falta de interesse existente em nosso povo, pela lite-

ratura, pelo ao menos aqui, nesta cidade fluminense a que chamam de "sorriso" mas que, em verdade, creio jamais ter sorrido, ou que talvez tenha dado o ar de de sua graça, inspirando qualquer indio apaixonado da tribo dos "Tamoios" cuja ingenuidade fazia vibrar seus sentimentos divinos nas manhãs cálidas de verão, quando o sol abrasador osculava as campinas verdejantes do sertão, ou quando o luar no seu prateado banhava suavemente os prados reffloridos, e tudo era emanação sublime da beleza e do amor, e o indio sorria mutuamente com a inebriante paisagem sertaneja. Até que um dia, eis que chegaram os português e os aventureiros e fundaram a atual cidade "sorriso", Niterói. E daí para cá parece-me que não mais sorriu. Eu acho que é em consequência de sua fisionomia carrancuda que os jornais criados pelos grêmios literários não ganham terreno. Em Cuiabá, entretanto, será bem diferente porque o cuiabano em geral é audaz e isso ficou constatado quando li

«O Arauto de Juvenilia». Nesse jornal observei a existência de duas alavancas ao bom êxito de empreendimentos dessa natureza, em primeiro o entusiasmo e a segunda parte comercial que também é indispensável á sua manutenção econômica, que aliás é admirável nesse sentido o espirito de solidariedade e fraternidade reinante entre os habitantes da legendária cidade plantada no coração da América. Podemos melhor observá-la por intermédio da propaganda comercial que é intensa no "Arauto", pois sendo a cidade de José de Mesquita, pequena comercialmente em relação às outras capitais brasileiras, colaboram mais para a difusão da literatura, ou melhor propagam-na com maior intensidade, haja visto os grandes vultos como Dom Aquino Correia e José de Mesquita no setor literário, e no domínio da geografia e da historia Estevão de Mendonça, Virgilio Correa Filho, o missionario Gal. Rondon e porque não mencionar o nome do Gal. Eurico Gaspar Dutra atual

Pte. da República do Brasil. Podemos portanto, concluir que, a cidade verde de Mato Grosso é sem dúvida um centro cultural a serviço deste imenso e tão nosso Brasil.

Seja também V. S., um trabalhador incansável pela grandeza de Cuiabá e do Brasil e faça do "Arauto" um verdadeiro arauto precursor do que foi e será capaz a Canaã do Oeste brasileiro.

Quero ainda antes de terminar saber de V. S. se aceita colaboração minha ou de algum amigo que futuramente venha conhecer esse precioso Jornal.

Assim sendo vou encerrar depois de contrariar o conceito de Horácio "Esto brevis et placibus" o qual não me foi possível observar.

Desde já agradeço o seu benévolo acolhimento, e sou com alta estima e elevada consideração,

Atenciosamente,
Achilles Poli

LEIEM E ANUNCIEM

No Arauto de Juvenilia

Armazem Mansur

Deposito permanente de trigo, sabão, querosene, gasolina, açúcar, vinho, aguardente e generos do País

AGENTE DA STANDARD

preferam sempre os afamados produtos E S S O

Abdala M. Bumlai

Praça General Caetano de Albuquerque, 4 — CUIABÁ Mato-Grosso

BACHA & CIA. LTDA. Importadores - Exportadores

CORUMBA' Mt.—Caixa Postal N. 38—Telegr. «BACHA»—R noel Cavassa n. 287

No livro de divulgação recente, Seleção de Seleções, condensação dos melhores artigos de interesse pessoal publicados em Seleções do Reader's Digest, há um magnífico trabalho de Desmond Holdridge em torno da vida e da obra do General Rondon, o Civilizador da Selva. Tirante alguns senões de ordem genealógica e algumas pinceladas levemente exageradas que se notam aqui-acolá, os demais fatos narrados pelo escritor estadunidense, exprimem com real fidelidade um pouco do muito que se poderia dizer sobre o pacificador máximo dos nossos aboríguas, que, a bem da verdade, é "um dos homens mais notáveis que hoje vivem no Novo Mundo."

De feito, levando a civilização nos mais apartados rincões do este brasileiro, o seu trabalho não foi apenas o de um simples batador de sertão a cata de novas aventuras venatórias ou de um taumaturgo milagreiro fanatizando as massas interioranas qual hipócrita mascarado de

RONDON

A. D. Tocantins

santo, barba à nazarena, deve-se á injunção política ou aproveitamento ocasional. Bem como ao contrário, o presépio de Rondon reside na bôa moral; amor ao próximo e devotamento ao trabalho.

O padrão de glórias imarcescível que lhe abriu a porta do Pantão é devido, portanto, ás suas qualidades máximas de cidadão e de

«S E...» ROMEU PASCOAL

*Se algum dia eu romper esta cadeia
Que me torna a vida tão sombria,
E a dourada esperança me atrofia,
E os sonhos de fantasmas me recheia;*

*Se esta prisão, terrivelmente feia,
Eu consegui rompê-la, alegre, um dia,
A minha alma, festiva de alegria,
A minha alma, de tanta festa cheia,*

*Cantará, altas vozes, deslumbrada,
Este nome que agora é meu segredo,
Bálsamo desta vida amargurada!*

*Este nome razão do viver meu,
Que ora baixo murmuro, a tanto medo,
Que tu mesma não sabes que éle é o teu..*

soldado tão vastamente postas á prova.

A mór parte da existência passou-a ele embrenhado na JUNGLE bravia, no serviço de catequização dos gentios, distensão da linha telegráfica e exploração de rios da Bacia Amazônica. Só mesmo um homem de energia de aço-platina, como disse alguém, poderia legar ao Mundo um patrimônio de contribuição elevada á ciência, á história e á civilização. Por isso, faz jús á nossa eterna veneração esse Nove Anchieta do Século XX pioneiro que foi da extensíssima zona desconhecida do noroeste matogrossense onde palmilhou durante meia centúria.

•••

A propósito, agora que vem de completar a 5 de mês em curso 85 anos de vida útil á Humanidade, á Pátria, á sua família, é com especial aprazimento que trago á baila a feliz idéia acalentada por Rubens de Mendonça, no sentido de ser imortalizada,
Conclue na pagina 11

Casa Rachid DE Jorge Rachid Jaudy, NOBRES—ROSARIO OESTE—M. GROSSO

Comércio em geral e Seringalista

A maior Casa Comercial do Norte do Estado, possuindo permanente, um belíssimo e variado sortimento como seja: Sedas, Roupas feitas, Chapéus, Calçados, Ferragens, Perfumarias e Estiva em geral.

Leva ao conhecimento dos seus distintos fregueses, que ainda continua vendendo pelos melhores preços.

«Petisqueira S. PEDRO» DE Michel Stid Herane

Refeições á minuta, filete mingnon, frios, salgadinhos em geral, bebidas nacionais e estrangeiras, biscoitos duchen, toddy, leite, bolos de sua própria confecção, etc.

Ambiente tipicamente familiar V. S. só encontrará na «PETISQUEIRA SÃO PEDRO» instalada em seu edificio proprio, á rue Engenheiro Ricardo Franco n. 6.

Bocage, o esbanjador

Rubens de Mendonça

«O poeta, no conceito de Carlyleano é uma figura heróica pertencente a todas as idades» E foi com razão que o autor de «Os heróis e o culto dos heróis» fez tal afirmativa.

Partindo deste principio de Carlyle, chegaremos á conclusão que as figuras desses super-homens que foram Dante, Shakespeare e Goethe pertencem verdadeiramente á nossa idade. Porque eles continuam vivos, bem vivos e em contacto com o mundo através das suas maravilhosas obras: «Divina Comédia», «Hamlet» e «Fausto».

Porém, o poeta, a quem devo referir-me, foi um desses heróis que não desmerece o conceito de escritor inglês, porque Bocage um dos maiores poetas de Portugal, pelos seus dons de improvisação, nunca possui um rival em

nenhuma literatura do mundo. Poeta, soldado e boêmio, foi Bocage um esbanjador de talento, um verdadeiro perdulario. Sonetista, foi ele um dos mais perfeitos da lingua portugueza. A grandiosidade de sua glória só se reavaliza, pela perfeição da forma ou pela correção vernacula a Camões, esse bardo sublime, que é o maior orgulho de Portugal, e glória da Peninsula Ibérica. Elmano Sadino, pela harmonia métrica de seus versos e pela sua imaginação vulcanica, um verdadeiro emulo do cantor dos «Lusiadas». Vivendo a mesma tragédia angustiada do excelso varão português, sofrendo como o outro o mesmo exilio confrontando os seus destinos ele e disséra num dos seus maravilhosos sonetos:

«Camões, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu quando os cotejoi
Igual causa nos fez perder o Tejo.

Como tú gostos vãs, que tão desejo,
Também carpindo estou saudoso amante.

Modelo meu tú és... Mas, ehl tristeza
Se te imito nos trãnses de ventura,
Não te imito nos dons da natureza!

Poeta! E de alto quilada sua vida mental; em te, bramia a sátira vigorosamente, ora contra o peitinho e ora demolia os dante José Ag stiuho de medalhões árcades.

de talento

Macêdo, escrevendo esse poema cheio de ironia que é a «Pena de Talião» ou em sátiras violentas ridicularizando a «Academia de Humanidades de Lisboa», a qual Bocage cognominou «Arcadas dos Parasitas» Esta feita sustentou esse período mais intenso começava.

«Pavorosa Ilusão da Eternidade,
Terror dos vivos, cárcere dos mortos;
D'almas vãs, senho vão chamado inferno;
Sistema de politica oppressôra.
Freio que a mão dos déspotas dos bonzos,
Fazjou para a boçal credulidade».

e terminava:

«Céus não existem não existe inferno:
O prêmio da virtude é a virtude
O castigo do vicio é o próprio vicio.»

Foi Bocage conduzido para o cárcere do «Limosiro», e depois para S. Bento, daí para o «Mosteiro das Necessidades», sendo deste último removido para a «Congregação de S. Felipe Nery», onde traduzia «As Metamorfoses» de Ovidio e as «Bucolicas» de Vergílio. Liberto, Bocage resolve

Perseguido pelo intendente de policia Pina Manique, que consegue metelo no cárcere da «Santa Inquisição» como «autor de papeis criticos, sediciosos e impios», devido á publicação do seu celebre poema «Pavorosa Ilusão da Eternidade», que assim começava.

E assim, Manoel Maria Barbosa du Bocage, o mais popular poeta português

Continua na 11a. pagina

CIA. AGRO-PECUARIA E INDUSTRIAL DO ITAICI

S É D E:

Rua Guaicurus, 225. C. Postal,
1880 Tel. 5-0835 e 5-0857

São Paulo — RUA CANDIDO MARIANO N. 625 —

«C A P I»

DEPOSITO:

PERMANENTE DE AÇUCAR
ALCOOL E AGUARDENTE

Cuiabá — Mato-Grosso

Expresso Cuiabano

DE PEDRO BIANCARDINI Rua 13 de Junho, 918 — CUIABA'

Transportes rodoviários de São Paulo à Cuiabá

Agência em S. Paulo EXPRESSO UNIVERSO - R. dos Guimarães, 123 - Tels. 4 8697 e 4.777

A semana que hoje finda trouxe em um de seus dias a recordação de uma data que cobriu de luto, há quatro anos atrás, a poesia brasileira: o nove de maio de 1946, dia em que no Rio de Janeiro, em sua casa cercada de gaiolas, onde passaros ainda cantavam faleceu Catullo da Paixão Cearense.

Çantor das belezas naturais de nossa terra, em quadra de sete silabas, onde se releva a simplicidade do falar da gente nossa, Catullo passou a vida pesquisando os costumes, os sentimentos contidos nos ninhos que balouçavam sobre os galhos de arvores gigantescas, como se quisesse extrair daquela natureza bruta e selvagem, a sinceridade, a meiguice dos simples.

Mesmo que ele não conhecesse regras rígidas de metrificação, teria em seu favor a musica das violas, instrumento que emancipou nas camadas mais finas, e que atraves de seu ritmo natural, traça igual ritmo na poesia, pela perfeita identificação dos três: musica, poesia e natureza. A natureza simples da lingua forma frases curtas, quasi todas de sete silabas e quando sentida e sinceras, faceis de ganhar melodia musical, cujo conteúdo é a poesia.

Catullo, poeta e cantor da natureza

AURÉLIO ZALUAR

Nesse triangulo sublime ele compoz o «Meu Sertão» onde «Quinca Micuá, o gaitreiro do sertão, conta para o homem da cidade a sua impressão sincera e ingenua em face da civilização, implacavel para ele que nasceu gaitreiro.

«Cumo o rio . da nacente; cumo a prata . da semente; que ninguém sabe... ninguém...»

Beethoven

Amália S. Verlangieri

O olhar cansado e vago, o cabelo revoltado, Vem da jornada, a procurar, ansioso, o leito Que abrigo possa dar ao sonho em que anda envôlto O mundo de emoções que cantam no seu peito!...

Mas, abre o piano e afaga o teclado bonito Que, num susurro, um quase nada... Sonha e delira, vendo as portas do Infinito!... Onde estará, talvez, o fim da caminhada!...

E o fraco som, crescendo, eleva-se num hino. Macio como os véus de tule ou de cetim, E a sala se transforma em páramo divino!...

E tudo luz e vôa, e grita, em vibração. Porque quando ele toca às teclas de marfim, Sua alma se debruça e canta em cada mão!...

Depois em «Marceiros» contando os sentimentos amorosos sem artificialidades, simples sem maldade, de um pastor de gado, habituado a contemplar o horizonte distante, onde se perde a boiada pastando... E o amor pela terra, pelo solo, pelas arvores a quem considera um igual, com vida, sentindo, também a cada golpe do «Lenhador», a verdade que

... «sempre a avô li dizia! «Meu fio; tem dó das arve, que as arve tem coração!»

Afinal, a religião, a crença fervorosa e sincera nos santos, que por uma promessa qualquer, feita bem sincera, de joelhos no chão, podiam trazer de volta a «Juaninha» que o pai turrão jurava que «nunca haveria de casá» com ele. E segue-se, «O passador de gado», de olhar tão candido como os tristes olhos dos bois, mas bastando uma traição para lançar neles o ódio pelo desonesto, ódio de morte: «A Vaqueijada», de cenas tão vivas e pitorescas, verdadeira documentação artistica de nossos costumes e tipos; «O Cangaceiro», no deserto agreste do norte cruzando as caatingas, metidos em grossas vestes de couro, proteção contra os espinhos abundantes na re-

Continua na 9a. pagina

Joseph Saddi & Filho

Estivas em geral

Vendas por atacado, principalmente dos seguintes gêneros do país: Açucar, Sal, Trigo, Bebidas etc.

Distribuidores exclusivos da afamada gasolina ATLANTIC

Senhores automobilistas: façam pois, uma visita a Joseph Saddi & Filho e certifiquem-se desta verdade.

Rua 13 de Junho, 408 — Cuiabá — Mato-Grosso

Oficinas Ricci DE ERMETE RICCI

Distribuidores autorizados dos produtos «Eternit» — «Pirelli» — Representante das seguintes empresas: Soc. Técnicas Bremensis, Arnolma de Máquinas S/A. Liou & Cia. Ltda., «Carterpillar», Cia. S. K. F. do Brasil e Tonami, máquinas para beneficiar arroz, café e de lavoura

Rua Tenente Joaquim de Albuquerque, n. 74 CUIABA' MATO-GROSSO

A ULTIMA ■■■

Continuação da 4a. pagina

de Creusa?

E a terra foi subindo crescendo, crescendo...

Juvenal sentiu uma vertigem... Deus do Céu Estaria n'a mentanha nascendo sobre Creusa?!... Mas era muito frágil!

--Vamos embora seu Juvenal...

Obedeceu.

A casa estava deserta. Juvenal chegou até a cozinha — vazio! Foi ao quarto — vazio!

A noite deseia descer, mansa, imensa. Juvenal à janela. Além, a lua ia subindo, devagar, clara, vermelha como as bochechas duma garota...

«—Estará a lua rindo de mim?!... Por que?...»

Mas tarde, uma nuvem toldou o céu. O vento, mais rijo, sacudiu as árvores... Uma chuva saltitante, começou a despendurar fios cristalinos dos beirais...

«—Porque verá que o céu está chorando?!...»

Fechou a janela. Acendeu a candea. Procurou Creusa. A cama — só!

Tudo desabitado, ermo, vazio, triste...

—Creusa! Creusa!

Nenhuma resposta às suas palavras!

«—Teria Creusa morrido?!... Não! Creusa não morreu!...»

«—Mas, onde estará, então!... Porque não fala mais?!... Porque não respon-

deu mais?!...»

«—Meu Deus! terá Creusa morrido!...»

«—Não! Não! Creusa não morreu!»

«—Mas se não morreu, por que ficou lá? Porque não voltou comigo?»

Porque não está aqui?...

«—Então era verdade que Creusa morreu!»

Era impossível! Juvenal não podia aceitar tão inominável absurdo!...

«—Estarei louco? — Não! Estarei dormindo? — Não! Estarei eu morto, então?... Não sei...»

Pôs a mão sobre o peito, para ver se estava vivo... O coração batia descompassadamente, loucamente, apaixonadamente...

«—Sim! Não resta a menor dúvida! — Eu é que estou morto!...»

do na corrente caudalosa do Rio Mar uma estação de trabalho incessante, á mercê da natureza implacável.

De norte a sul do Brasil acompanhando a vida do homem rude, penteando na viola, a luz de luar, cuja beleza pode ser bem apreciada tendo-se sob os pés o tapete da relva umedecida do orvalho.

Entretanto, fora da linguagem típica, seguindo os conceitos gramaticais corretamente, Catullo fez trovas inspiradíssimas como esta.

«Aproximei-me do bosque... para ouvir os passarinhos e os passarinhos, voando, abandonaram seus ninhos. Se tento ouvir das quimeras os cantos, com que me iludo, fogem todas, apressadas, e o coração fica mudo».

ou brejeiras, amorosas, líricas como esta:

«Se me sorris, quando passas a minh'alma presenteira, nos lábios fica serrindo, como a rosa na roseira. Mas se passas, sem me olhares, o meu coração, pequeno, sente a mágua de uma rosa, pisada pelo sereno».

Este era o Catullo das serenatas, das modinhas populares, nascidas do coração do povo onde mora o sentimento autêntico, prescindindo de erudição para criar verdadeiras joias de arte e poesia.

DESTINOS DESIGUAIS

Agenor Ferreira Leão

Há nesta vida dois caminhos bem diversos Que humildemente nós podemos palmilhar: Um, cheio de ilusões e sonhos não disperses, De flores beirafado e branco de luar;

Outro, de enganos cheio e espinheiras perversas, Que atrai e ludibria a luz do nosso olhar, E os nossos ideais em ideais adversos Transforma quando a glória estamos a fitar,

Que nos renega o pão, a sombra, o teto amigo, O amor, o encanto, a paz e, si nos vir chorando, Aponta nos, ao longe, a porta de um jazigo.

Por isso, temos dois destinos desiguais, Porque se há corações que vivem palpitando, Também há corações que não palpitam mais.

Catullo, poeta e...

Continuação da 3a. pagina

gião; e a Amazônia, com a a horta de feijão, de mandioca; e a Amazônia, com a a horta de feijão, de mandioca "Terra Caída" devastando dioca que cresce arrastan-

A AFAMADA «Aguardente Flexas»

Já está consagrada pela opinião pública, como a melhor do gênero, isto porque reúne em si, as tres indispensáveis qualidades que requer uma boa bebida —

SABOR, AROMA E PUREZA —

Bebam, então, «AGUARDENTE FLEXAS». Distribuidores: Irmãos NADAF

— Rua da F. E. B. n. 5 — (Porto) —